

EDGAR MORIN

Formação Continuada www.educadores.com.br

Conceitos

Idéias

Reflexões

Transformações

Paris 1921

Nasce Edgar Morin

Com 10 anos perde sua/ mãe Bruna. Essa perda a marcará por toda a vida

Já na infância interessa-se por literatura e cinema que vai exercer forte influência em sua obra.

Durante a Segunda Guerra Edgar fez seus exames na Procord e engaja-se na Resistência Francesa. Nesse período substitui o sobrenome judaico Naum por Morin. Após a guerra trabalha como redator em jornais do partido comunista francês. Começa então seus primeiros atritos com comunistas por sua postura crítica. Já seu emprego é cada vez mais discriminado no Partido Comunista. Ele vive em exílio interior. Começa a escrever o livro: “O homem e a morte”. É na realização dessa obra que Morin forma a base para sua cultura transdisciplinar: geografia humana, etnografia, pré-história, ecologia infantil, psicanálise, história das religiões, ciência das metodologias, histórias das idéias, filosofia. Começa a trabalhar no Centro Nacional de Pesquisa Científica.

Inicia a redação do seu livro Autocrítica, publicado em 1959. Faz um primeiro balanço de sua vida e de sua participação no meio cultural e político de seu tempo.

Faz uma longa viagem pela América Latina, quando se fascina pelo mundo indígena e pelo mundo afro-brasileiro. Retorna à França onde publica “O Espírito do Tempo”. Aprofunda seus estudos na área da Biologia e do pensamento cibernético. Em 1968, envolve-se nos movimentos estudantis que começaram a eclodir na França. Volta ao Brasil, país pelo qual sente grande afeição. É recebido nos aeroportos pelos estudantes em grande estilo, em 1969, é convidado pelo Instituto Salf a passar um ano na Califórnia. Lá conhece a revolução biológica genética, iniciada com a descoberta que dupla hélice da molécula de DNA. Inicia-se nas teorias que considera interpenetrantes e inseparáveis: a cibernética, a teoria dos sistemas e a teoria da informação. Volta a Paris onde inicia a constituição de um Centro de Estudos Bioantropológicos e de Antropologia Fundamental. Nesse processo de reorganização dos princípios do conhecimento. Começa a trabalhar numa das obras fundamentais do pensamento complexo: O Método. Publica, em seguida, os livros: Introdução ao Pensamento Complexo e Meus Demônios. Em 1997 é convidado pelo governo

Francês a apresentar um plano de sugestões e propostas a partir de seu pensamento transdisciplinar para a reforma do ensino secundário e do universitário.

Viaja por mais de 30 países participando de atividades e debates com professores e especialistas das mais diversas áreas sobre questões relativas à educação nas escolas e universidades. Este veio diversas vezes ao Brasil onde encontraram importantes núcleos de pesquisa e de divulgação do pensamento complexo.

Reorganizações Genéticas

Há uma característica como em toda a obra do Edgar Morim que é uma articulação muito grande entre a vida dele e as idéias que ele professa até hoje. Ele denomina isso de reorganizações genéticas que, na verdade, não são reorganizações genéticas no sentido da genética, mas reorganizações do estilo do pensamento dele. Então, nas obras de caráter mais ideográfico, ele considera, sintetiza, essas reorganizações em três.

Uma primeira concebida por volta de 1941, logo no período antecedente da Resistência Francesa, ele aprendeu, através dos autores que estudava então, de que as idéias avançavam sempre no antagonismo, nas contradições. Isso fez com que ele se dedicasse aos estudos de Hegel e de Marx, principalmente. Profundo conhecedor do marxismo, no marxismo ele encontrou essa idéia de que a dialética era uma união de contrários e que poderia levar a uma sociedade melhor. Marx defende a idéia do homem genérico. O que é o homem genérico? É o homem que não separa a natureza da cultura. Essa idéia do homem genérico que impregnou muito as idéias de Morin, até hoje.

A segunda reorganização, quer dizer, o sistema de idéias dele, é uma penetração maior nas idéias de Marx, mas desde que destituída de qualquer forma de prometeísmo, quer dizer, viria no futuro, uma sociedade melhor, de... Morim tenha acreditado nisso. A segunda organização colocou esse modo marxista em dúvida. Posteriormente ele vai substituir a palavra dialética pela palavra dialógica. Isso nos escritos mais metodológicos.

A terceira reorganização ocorre dos anos 60 para frente. Morim teve uma grande permanência nos Estados Unidos. Nessa época ele entra em contato com três formulações teóricas que serão decisivas para a construção dos cinco volumes de O Método. Entra em contato então com a teoria da informação, a teoria dos sistemas e a cibernética. Esses serão contatos teóricos e que vão influir muito no que ele chama de terceira reorganização e de certa maneira vai preparar o advento da complexidade, quer dizer, a construção das bases do pensamento complexo.

Pensamento Complexo

Primeira idéia: muito importante a gente ter sempre em mente as etimologias, então: que quer dizer complexo? Complexo vem do latim *complexus*, que vem do verbo *complectere*, que simplesmente quer dizer: "Aquilo que é tecido em conjunto". Quer dizer, a etimologia da palavra é exatamente essa porque pode gerar uma certa confusão, porque quando você fala em complexo você pensa imediatamente em algo simples. Não se trata dessa oposição entre o simples e o complexo, mas trazer a etimologia que traduz bem o espírito do pensamento complexo, quer dizer aquilo que é tecido junto. Porque que é tecido junto? A gente aprendeu do século XVII em diante, com a Revolução Iluminista, que o nosso pensamento, as nossas idéias eram conduzidas exclusivamente pela razão. Não é por acaso que o século XVII foi entendido como o século do Racionalismo. O que é a razão? A razão é

aquilo que é produto do cálculo. Você adapta alguns meios a alguns fins. Isso é a razão. Nós todos somos seres racionais. Aprendemos que somos apenas racionais, somos só *sapiens*. Hoje se nós dizemos que somos somente *sapiens*, você estará se identificando com os nossos primos que são primatas, não humanos, ou seja, os gorilas, os chimpanzés, os orangotangos, etc. Por isso nós seremos um segundo *sapiens*. Nós somos *sapiens sapiens*. Nós somos *homo*, do gênero homínídeo e somos *sapiens sapiens*.

Bem, uma das primeiras considerações que aparecem em Morim, que aparece nos primeiros livros que falam do homem, é o seguinte: se você se define exclusivamente como *sapiens* você está sendo sistemático demais. Que significa isso: que você é ereto, que fala, que desceu das árvores, que se comunica, que simboliza, ou seja, que você cria representações, constrói representações. Esse é o lado *sapiens*. Com o segundo dado permanecemos a mesma coisa, ou seja, sistemáticos demais, O pensamento complexo considera que precisa adicionar uma outra característica a esta sistematização excessiva, que é *demens*. Que é *demens*? É aquilo que nós somos também descomedidos, nós somos loucos, nós somos descontrolados, nós convivemos com a *hidris* e queremos afastar esse lado como se fosse mau, algo que precisa ser recalcado. Nós somos, portanto... de início soa muito mal do ponto de vista histórico, quer dizer, que nos aceitamos como *sapiens-demens*, ou seja, que todo sujeito humano é duplo e tem um pouco de sapientalidade e um pouco demensalidade. Então, uma definição mais atual da nossa condição seria de que nós somos *homo sapiens-sapiens-demens*. Portanto, aí está o primeiro entrelaçamento do complexo. Seja *sapiens demens*.

Operadores da Complexidade

A **segunda idéia** que está no pensamento complexo são os operadores da complexidade. Operadores, como se fosse operador de cinema, são três:

- *O primeiro: operador dialógico: e não dialético.
- * o segundo: o operador recursivo, ou da recursividade.
- * o terceiro: o operador do holograma ou operador hologramaticramático.

Operador dialógico e não dialético envolve a seguinte questão: O que é dialogia? Dialogia significa você juntar coisas, entrelaçar coisas, que aparentemente estão separados. Por exemplo: a razão e a emoção, o sensível e o inteligível, o real e o imaginário, a razão e os mitos, a razão, a ciência e as artes, as ciências humanas e as ciências da natureza. Tudo isso é dialógia, ou seja, juntar o que aparentemente é separado. Não tem síntese. Pensamento complexo não é um pensamento simples.

O outro, segundo é o operador recursivo. Recursividade: o que significa isso? Significa dizer que uma causa... nós aprendemos no velho paradigma que a causa a gera o efeito b. O determinante a gera o determinado b. Alguma coisa que é definida como recursiva significa algo em que a causa produz o efeito, que produz a causa. É a mesma coisa como se fosse um anel recursivo, um circuito recursivo, melhor dizendo. Um exemplo: nós somos produzidos por uma união biológica de um homem e de uma mulher, portanto, somos produtos dessa união e, ao mesmo tempo, somos produtores de outros uniões. Então nós somos recursivamente causa e efeito. Esse é o segundo operador.

Holograma ou princípio operador hologramático. Holograma é... às vezes utiliza essas palavras: princípio, operador, base, num sentido que são operadores que põe em movimento o pensamento. Que é o operador hologramático? Que quando você "vê", não consegue dissociar parte e todo, ou seja, a parte está no todo da mesma forma que o todo está na parte. Então, esses são três bases que mobilizam o pensamento complexo.

Então: juntar as coisas que estavam separadas, fazer circular causa e efeito, efeito sobre a causa. Ou seja, você não consegue dissociar a parte do todo. O todo está na parte da mesma maneira que a parte está no todo. É a **terceira idéia**: da totalidade.

Totalidade

Com estes três operadores você vai construir a noção de totalidade. Mas os movimentos operadores dizem o seguinte: totalidade nunca será a soma das partes. Nós somos acostumados à palavra totalidade dessa maneira. Que é totalidade? Totalidade é juntar a, com b, com c, com d, com isso se tem a totalidade. Não, no pensamento complexo, ou, no pensamento da complexidade, a totalidade é sempre mais que a soma. Pode eventualmente ser menos que a soma. Porque totalidades são sempre abertas. Se elas forem totalidade fechada, elas serão sempre iguais a soma das partes. Essa idéia de totalidade como mais ou menos que as partes é fundamental ao pensamento.

Homo Complexos

Nós aprendemos também que nós somos seres que criamos, nós somos *vócolis*, porque falamos. Somos *faber* porque fabricamos instrumentos, somos simbólicos porque simbolizamos, criamos os mitos e as teorias, novos ídolos, nossas mentiras, nosso imaginário. Aprendemos. O que não aprendemos, é que somos complexos, ou seja, que nós somos inscritos... Somos hoje o que somos porque somos inscritos em uma ordem biológica que nos fez como somos agora e também nós somos seres produtores de cultura, ou seja, nós somos 100% natureza e 100% cultura.

Nós aprendemos, talvez pelas instituições escolares, a recalcar o lado da natureza. Não nos apercebemos que somos também seres unoduais: 100% natureza, 100% cultura. Talvez seja uma herança da razão, do racionalismo do século XVII que nos legou essa idéia que: os imaginários, os mitos, as artes não faziam parte da ciência ou o considerado como científico era determinado como racional.

(Morim falando no vídeo) O conhecimento, do ponto de vista do pensamento complexo, não está limitado à ciência. Há na literatura, na poesia, nas artes um conhecimento profundo. Podemos dizer que no romance há um conhecimento mais sutil de seres humanos do que encontramos nas ciências humanas, porque vemos os homens em suas subjetividades, suas paixões, seus meios de... Por outro lado, devemos acreditar que toda a grande obra de arte contém um pensamento profundo sobre a vida, mesmo quando não está expresso em sua linguagem. Quando você vê as figuras humanas pintadas por Rembrandt, há um pensamento sobre a alma humana. Portanto, eu acredito que devemos romper com a separação das artes, da literatura de um lado e o conhecimento científico do outro.

Razão, Racionalismo e Racionalização.

O que é a razão? A **razão** é um mecanismo da mente, do cérebro que se traduz por um conjunto de regras que você utiliza para fazer determinadas coisas. Nós usamos a razão em todas as nossas atividades. Muito bom! Isso existe nos humanos desde sempre. Desde os 130 milhões de anos, sempre fomos racionais. Em alguns momentos, alguns seres do planeta foram considerados como seres que não tinham razão. Por exemplo, no século XVIII os índios brasileiros, os tupinambás, foram levados às cortes absolutistas da França para

serem literalmente apalpados pelos membros da corte, para ver se eram homens. Porque eles eram considerados como primitivos, inferiores, seres que não eram dotados de razão. Isso foi uma grande congruência que a própria ciência construiu sobre nós mesmos. Quer dizer, sempre fomos racionais. Em decorrência disso criou-se o racionalismo, ou seja, a idéia de que tudo na vida é guiado pela razão. Então, todos os imaginários presentes no cinema, nas artes, na literatura, nos mitos, devem ser apartados como não científicos. Junto com essa noção está a idéia de racionalidade.

Racionalidade é quando você adequa meios a fins, pouco importa se você minimiza os meios para maximizar os fins, ou você faz o contrário: maximiza os meios para eliminar os fins. De qualquer maneira a racionalidade é sempre isso: é sempre um esforço de adequação entre meios e fins.

Racionalização esse é o pior efeito da razão: quando a razão se fecha nela mesma e não que saber de nada mais que faça parte desse conjunto de imaginários presentes nas artes, na literatura, etc.. afasta isso e a razão constrói um ídolo a respeito dela mesma. Ela se considera como a razão ídolo. Esses são obstáculos criados à idéia de que ...da unidualidade.

Tetragrama Organizacional

Algo que o pensamento complexo também considera é de qualquer atividade de qualquer sistema vivo... nós estamos falando aqui de homens, homens reais: *homo sapiens*, *sapiens demens*. Nós poderíamos estender isso às sociedades animais: das formigas, das abelhas, dos nossos primos, primatas não humanos. Enfim, qualquer atividade de sistema vivo é guiado por uma tetralogia. Tetra igual a quatro, ou seja, envolve relações de ordem, de desordem, de interação e de reorganização. Edgar Morim chama isso de um **tetragrama organizacional**. Qualquer sistema vivo sempre foi: ordem, regularidade; desordem: desavenças, emergências; interações, coisas que começaram a interagir que não estavam previstas anteriormente e reorganização para onde o sistema vai...

O sistema sempre é algo que vive na irrupção da desordem, o que faz com que às vezes Edgar Morim defina: O que é a terra, o planeta terra? Então, o planeta terra é um mero planeta, muito pequeno no conjunto de todas as galáxias do universo e que vive à deriva, quer dizer não está indo. Então: o tetragrama ordem, desordem, interação e reorganização aliado aos operadores da dialogia, do holograma e da recursividade, constitui o bloco forte, a base fundamental do pensamento complexo.

Há uma fase do Marx que Edgar costuma sempre usar como recurso explicativo. Há uma passagem do Marx, nas teses de Feuerbach, que diz respeito à noção de educação e à reforma do pensamento. Diz o Marx o seguinte: qualquer reforma do ensino e da educação, deve começar, antes de mais nada, com a reforma dos educadores. Ou seja: o que significa reformular os educadores? Significa reformar o pensamento. Que significa reforçar o pensamento? O pensar o homem sempre pensou com as mesmas condições, com o mesmo aparato. Por isso não há um pensamento que seja inferior ao outro. Os índios do Brasil não pensam de maneira inferior aos urbanóides de São Paulo. Quer dizer, todos nós pensamos com os mesmos recursos né. Nossa mente, nosso cérebro é igual. Pelo menos enquanto formos *sapiens-sapiens-demens*.

Mas a razão cartesiana... foi atribuída a Descartes essa frase que talvez seja uma das responsáveis pra tudo isso. Disse o Descartes: 'Penso logo existo' '*cógito ergo sum*'. E mais do que isso, a visão cartesiana separou o suspeito que pensa chamado *res cogitans*, da

coisa pensada, chamada *res extensa*. Por isso introduz uma ruptura entre o sujeito e o objeto. E mais do que isso, a visão cartesiana nos impôs um paradigma. O que é um paradigma? Um paradigma é um conjunto de regras, padrões, teorias, modelos, visões se mundo que nós aprendemos. Que nos é legado inconscientemente. O paradigma cartesiano nos ensinou a dividir, a separar a razão da dêi-razão, a razão do mito, a razão do imaginário. E com isso, o sensível do inteligível, a ciência da arte, a física quântica da antropologia. Isso foi dividindo, separando. A reforma do pensamento é alguma coisa **indômica** que nós temos como se nós tivéssemos que reaprender a pensar. Então, reaprender a pensar, a religar todas essas... esses continentes que foram separados desde a visão cartesiana.

(Morim falando no vídeo) “É um problema paradoxal, pois para reformar o pensamento é necessário, antes de tudo, reformar as instituições que depois permitam esse novo pensar. Mas para reformar as instituições é necessário que já exista um pensamento reformado.

Portanto, há uma contradição lógica em geral. Essa contradição lógica não pode ser ultrapassada, a não ser que comecemos por movimentos marginais, movimentos piloto, pelas universidades, pelas escolas exemplares de formação. Porque o grande problema é a reeducação dos educadores.

Nenhum decreto, nenhuma lei pode decidir sobre ele. Trata-se de um movimento bastante rigoroso entre os educadores que a reforma não pode dar conta. Eu creio que os congressos, as reuniões, que a difusão dessas idéias desempenham um papel importante nesse movimento sobre educadores”.

Transdisciplinarietà

‘A transdisciplinarietà significa mais do que disciplinas que colaboram entre elas em um projeto com um conhecimento comum a elas, mas significa também que há um modo de pensar organizador que pode atravessar as disciplinas e que pode dar uma espécie de unidade. Por outro lado, a interdisciplinarietà é um pouco como as Nações Unidas, onde as disciplinas são separadas discutindo sobre seus territórios. E transversalidade ou transdisciplinarietà é qualquer coisa que é mais profundamente integradora.

Agora, para que haja transversalidade, é necessário um pensamento organizador. É o que chamo de pensamento complexo. Se não há um pensamento complexo, não pode haver transversalidade.’

Como nós aprendemos a separar as coisas? Sempre nós fomos ensinados a isso. E que sabemos que precisamos religar o que foi desligado, o que foi separado. Nós podemos perguntar: como fazer isto? Um dos efeitos da separação, da fragmentação, foi a distribuição do ensino em disciplinas. A disciplina nada mais é do que o ramo do saber, do conhecimento voltado para ele mesmo. Ouve-se falar muito nas palavras interdisciplinarietà, multidisciplinarietà, transdisciplinarietà. É evidente que o pensamento complexo aposta mais no pensamento transdisciplinar. O que é visão interdisciplinar? É simplesmente a construção de uma meta ponto de vista e não de um ponto de vista, mas de um meta ponto de vista sobre a vida, a terra, o cosmo, a humanidade, o homem, o conhecimento, as culturas adolescentes, as artes. Isto é que é construção de meta ponto de vista. Veja, o que você vai saber da terra juntando os especialistas em biologia, em corporogia, em antropologia, em física, em matemática, o poeta e o artista. Tudo isso é valido para a vida, para o homem, para o conhecimento. Quer dizer, você reunir, não como uma assembléia de

diferenças, mas onde cada um tá dando a sua contribuição para a construção de um meta ponto de vista.

O que é a vida? Respostas a essas exigências. Edgar Morim quando assume o encargo de reformar o ensino médio na França, começou o projeto reunindo especialistas exatamente de várias ordens naquilo que ele chamou de 'jornadas temáticas'. O que foram jornadas temáticas? Era simplesmente uma discussão sobre os megapontos: terra, vida, cultura adolescente, o homem, a humanidade, cosmos, etc...

(Morim falando no vídeo) "O verdadeiro problema não é fazer uma edição de conhecimento. O verdadeiro problema é uma organização de conhecimentos e saber os pontos fundamentais que se encontram em cada tipo de conhecimento ou em cada disciplina. Quer dizer, se permitir fazer uma economia na adição de conhecimento e se permitir poder se orientar em direção às necessidades de conhecimento no qual até o movimento não se pode penetrar pois há portas fechadas e fronteiras".

Os sete saberes necessários.

Os sete saberes não devem ser vistos como um credo, ou seja, algo a ser aplicado nas escolas. São inspirações, modalidades que excitariam o educador a redefinir a sua posição na escola, na sua relação com os currículos, na sua relação com as disciplinas, na sua relação com a avaliação.

O erro e a ilusão.

O Primeiro saber diz respeito à idéia de erro. E por quê? Porque a ciência se acostumou a sempre afastar o erro das suas concepções. Tudo aquilo que era considerado como erro devia ser afastado. Nós precisamos integrar os erros nas concepções para que o conhecimento avance. Essa seria a essência do primeiro saber.

Conhecimento Pertinente.

O segundo saber diz respeito à idéia, a conhecimento pertinente. O que é o conhecimento pertinente? Nós aprendemos que o que nos foi legado foi à idéia de fragmentação. Que dizer: quanto mais você fragmenta a disciplina melhor o conhecimento avança. Quanto mais você separa as ciências da cultura melhor. Quer dizer: O conhecimento pertinente vai à contramão dessa idéia. É preciso não aniquilar a idéia da disciplina, mas rearticular a idéia da disciplina em outros contextos. Há ciências hoje, no mundo, que o fazem de maneira muito interessante. A ecologia, por exemplo, a ecologia é uma ciência que junta áreas de conhecimento as mais variadas. O ecólogo tem que ser simultaneamente um biólogo, um antropólogo, um filósofo. Então, a idéia do conhecimento pertinente teria uma idéia defendida contra a fragmentação. Esse é o segundo saber.

Ensinar a condição humana.

O terceiro saber diz respeito à condição humana. Quem somos nós? Vemos que somos só culturais. Precisamos saber que somos também naturais, físicos, psíquicos, imaginários. Então, o terceiro saber diz respeito a esse reaprendizado da nossa própria condição, que está expressa superlativamente na idéia do *sapiens-demens*.

Ensinar a Identidade Terrena.

O terceiro saber diz respeito à identidade terrena, a identidade da terra. Que é a terra? É nossa terra pátria: precisamos ensinar aos alunos que a terra é um pequeno planeta que precisa ser sustentado a qualquer custo. A idéia da identidade terrena está ligada à idéia da sustentabilidade. O que significa construir um planeta sustentável? Significa simplesmente ou complexamente, construir um planeta que seja viável às futuras gerações. Se nós não conseguirmos manter um planeta sustentável, o planeta certamente dará sinais de irritabilidade. Alias como já vem o fazendo. Ensinar, portanto, a identidade da terra. Nossa terra pátria.

Enfrentar as Incertezas.

A ciência cartesiana construiu a idéia de que tudo que é científico pertence ao reino da certeza. Em 1927, Werner Roisenberg construiu seu famoso Princípio da Incerteza. Por isso, ele foi agraciado com o Premio Nobel na época. E o que diz o princípio da incerteza? Diz que um determinado elemento atômico pode se comportar como onda e como partícula. Nós também, os humanos, somos ondas e partículas. Que melhor dizendo, somos partículas e ondas, somos partículas enquanto seres individualizados e somos onda quando somos seres portadores de muitas multiplicidades. Então, temos que ensinar nas escolas a idéia da incerteza. O conhecimento científico nunca é um produtor absoluto de certezas. Ele deve ao contrário ser crivado pela idéia da incerteza. A incerteza seria aquilo que comandaria o avanço da cultura, sem certezas. Seria incorporar essas idéias ao ensino de química, física, história, geografia, línguas, filosofia, produzir... Tudo que for criado pelo homem deve ser crivado pela idéia da incerteza.

Ensinar a Compreensão.

A compreensão, **sexto saber**, deve ser o meio e o fim da comunicação humana. A comunicação humana deve ser voltada para a compreensão. Se nós olharmos para nossas instituições de ensino médio, superior, nós vamos ver que o que as caracteriza é a incompreensão. Ou seja, disciplinas que brigam com os outros departamentos que não se entendem os outros, áreas do conhecimento que não falam com as outras. Então, seria preciso introduzir o ensino da compreensão nas unidades de ensino em qualquer nível que elas se exerçam. Poderemos estender a idéia da compreensão dizendo que o planeta terra, nossa terra pátria, a gente pode verificar que o que caracteriza é a incompreensão. Incompreensão por todas as partes: incompreensões políticas incompreensões ideológicas, incompreensões econômicas.

A Ética do Gênero Humano.

O **sétimo** saber diz respeito à ética do gênero humano. Ética, uma palavra bastante complexa. O que é a ética? Poderíamos resumir dizendo que a ética significa apenas não desejar para os outros aquilo que você não deseja para você mesmo. Então, o ensino da antropoética precisava ser reintroduzido nas escolas e essa antropoética está ancorada em três elementos: o individuo, a sociedade e a espécie. Então, nós precisamos arranjar uma antropoética que religasse indivíduo e sociedade, espécie e não os mantivesse separados como eles se encontram nos dias atuais.

Os Sete Saberes na Escola.

Então, o problema maior reside como aplicar esses sete saberes na reforma da educação. Quer dizer, não se trata de transformar os sete saberes em sete disciplinas. Ao contrário disso os sete saberes eles rejeitam as disciplinas. O que quer acontecer, o que quer que poderia acontecer isso na vida prática de uma instituição. Fosse área de ensino médio ou ensino superior. Uma redefinição total dos currículos. Se você pega, por exemplo, os sete saberes. O da condição humana, por exemplo, então você tem que ensinar nas escolas que o homem é simultaneamente biológico, psíquico e cultural. Isso tem que estar traduzido numa grade curricular. Implicaria que fossem dados elementos de antropologia, elementos de filosofia. Não significa dizer que se trata de uma... de currículo de generalidades. Ao contrário, o objetivo dessa reformulação seria você exatamente religar a biologia, a medicina, a história, antropologia e não mantê-los separados. É claro que se exige um novo tipo de professor.

Muitas vezes se pensa que o pensamento complexo é um pensamento contra a disciplina. Não se trata disso. É um pensamento que abre a disciplina a outros campos. Se isso fosse introduzido minimamente nas escolas certamente a educação iria para outros rumos.

Recusas Fundamentais.

É claro que há pressupostos, é claro que há fundamentos. Poderia se dar... é claro que há recusas. Algumas recusas são fundamentais. Você tem que recusar a separação entre a razão e a emoção. Por exemplo: recusar a separação entre ciência e arte, entre ciência e mito, que está incrustada no pensamento ocidental pelo menos desde Descartes. Essa é a primeira recusa.

A segunda você tem que assumir e recusar. Assumir as implicações da recusa que há entre o singular e o universal, o local e o global, o sujeito e o objeto. Há sempre uma relação de tensão entre o local e o global, não há nunca uma relação de total harmonia. São opostos que se juntam, mas precisa ser entendida dessa maneira. Muitas vezes nós tendemos a isolar os opostos. Como os opostos que seriam irreconciliáveis. O pensamento complexo nos ensina a assumir a tensão: entre o singular e o universal, entre o global e o local, o individual e o coletivo. Assumir a tensão, mas tentar fazer com que se estabeleça um canal de comunicação entre esses dois elementos. Em outras palavras: o que era aparentemente considerado como posto pode dialogar entre si.

A terceira recusa, talvez seja a mais complicada, é aquela que diz que precisamos recusar que o estado é o único balizador do conhecimento científico. Há outras instituições que o fazem, que não seja o Estado, e por vezes o fazem muito melhor. O Estado é regido por normas, padrões, por religiosidades. Então, assumir que o Estado não é o único balizador dos movimentos do conhecimento científico.

Se você junta essas três modalidades, acopla essas três modalidades aos saberes você produzirá currículos muito mais criativos. Você poderia pensar que não seria estranho, por exemplo, numa escola ao invés de filosofia, por exemplo, você ter uma disciplina denominada "a Filosofia da Incerteza." Nada impede que você ensine uma disciplina com o nome de Fundamentos da Condição Humana, nada impede que você tenha uma disciplina que diga 'Indeterminações da Terra Pátria.'

Há um poeta francês, conhecido do Morim, que esteve presente nas jornadas, ele se chama Ive Boné. Foi que ele..., o título da comunicação nas jornadas temáticas era o seguinte: É possível ensinar a poesia nas escolas? E esse poeta dizia assim: 'como era importante antigamente quando os indivíduos da geração dele tinham de aprender de cor um poema porque se não eles não passavam de ano. Aprender de cor um poema não é meramente ficar repetindo o poema feito papagaio, 'dizia esse poeta: ' por que cada vez que você recita um poema de cor, você abre janelas para o mundo. Da mesma maneira podemos dizer a respeito das línguas: toda vez que você aprende uma língua nova você agrega novos conhecimentos, abre janelas para o mundo, você amplia a sua cosmovisão. Então, possuir em todos os níveis esses pressupostos: no ensino fundamental, no ensino médio, na universidade, seria a tarefa fundamental que o pensamento complexo obteria se realmente ele fosse assumido como pressuposto por todos.

Edgar Morim.

“Em minha opinião, as escolas mais recuadas no tempo são as menos marcadas pela fragmentação disciplinar e pela separação das disciplinas, então, por exemplo, em outros países nos quais o ensino é aparentemente mais avançado, há uma reforma de pensamento, uma reforma de escolaridade muito mais necessária. Mas não, eu posso medir o grau de atraso das escolas brasileiras em relação as escolas francesas. Conheço, sobretudo, uma enorme vontade de um número grande de educadores brasileiros, muito maior do que educadores na França.

Roteiro de:
Edgar Assis Carvalho
Paulo Aspís

Direção:
Paulo Aspís

Edição:
Muiz Albuquerque

Sons:
Régio Aorta

Agradecimentos:
COMPLEXUS- núcleo de estudos da complexidade da PUC-SP
Colégio Magno

Do mundo virtual ao espiritual

Frei Betto - 06-Jun-2008

Ao viajar pelo Oriente, mantive contatos com monges do Tibete, da Mongólia, do Japão e da China. Eram homens serenos, comedidos, recolhidos em paz em seus mantos cor de açafreão. Outro dia, eu observava o movimento do aeroporto de São Paulo: a sala de espera cheia de executivos com telefones celulares, preocupados, ansiosos, geralmente comendo mais do que deviam. Com certeza, já haviam tomado café da manhã em casa, mas como a companhia aérea oferecia outro café, todos comiam vorazmente. Aquilo me fez refletir: 'Qual dos dois modelos produz felicidade?'

Encontrei Daniela, 10 anos, no elevador, às nove da manhã, e perguntei:

'Não foi à aula?' Ela respondeu: 'Não, tenho aula à tarde'. Comemorei: 'Que bom, então de manhã você pode brincar, dormir até mais tarde'. 'Não', retrucou ela, 'tenho tanta coisa de manhã...'. 'Que tanta coisa?', perguntei. 'Aulas de inglês, de balé, de pintura, piscina', e começou a elencar seu programa de garota robotizada. Fiquei pensando: 'Que pena, a Daniela não disse 'tenho aula de meditação!'

Estamos construindo super-homens e super-mulheres, totalmente equipados, mas emocionalmente infantilizados. Por isso, as empresas consideram agora que, mais importante que o QI, é a IE, a Inteligência Emocional.

Não adianta ser um super-executivo se não consegue se relacionar com as pessoas. Ora, como seria importante os currículos escolares incluírem aulas de meditação!

Uma progressista cidade do interior de São Paulo tinha, em 1960, seis livrarias e uma academia de ginástica; hoje, tem sessenta academias de ginástica e três livrarias! Não tenho nada contra malhar o corpo, mas me preocupo com a desproporção em relação à malhação do espírito. Acho ótimo, vamos todos morrer esbeltos: 'Como estava o defunto?' 'Olha, uma maravilha, não tinha uma celulite!' Mas como fica a questão da subjetividade? Da espiritualidade? Da ociosidade amorosa?

Outrora, falava-se em realidade: análise da realidade, inserir-se na realidade, conhecer a realidade. Hoje, a palavra é virtualidade. Tudo é virtual. Pode-se fazer sexo virtual pela internet: não se pega Aids, não há envolvimento emocional, controla-se no mouse. Trancado em seu quarto em Brasília, um

homem pode ter uma amiga íntima em Tóquio, sem nenhuma preocupação de conhecer o seu vizinho de prédio ou de quadra!

Tudo é virtual, entramos na virtualidade de todos os valores, não há compromisso com o real! É muito grave esse processo de abstração da linguagem, de sentimentos: somos místicos virtuais, religiosos virtuais, cidadãos virtuais. Enquanto isso, a realidade vai por outro lado, pois somos também eticamente virtuais.

A cultura começa onde a natureza termina. Cultura é o refinamento do espírito. Televisão, no Brasil com raras e honrosas exceções, é um problema: a cada semana que passa temos a sensação de que ficamos um pouco menos cultos. A palavra hoje é 'entretenimento'; domingo, então, é o dia nacional da imbecilização coletiva. Imbecil o apresentador, imbecil quem vai lá e se apresenta no palco, imbecil quem perde a tarde diante da tela. Como a publicidade não consegue vender felicidade, passa a ilusão de que felicidade é o resultado da soma de prazeres: 'Se tomar este refrigerante, vestir este tênis, usar esta camisa, comprar este carro, você chega lá!' O problema é que, em geral, não se chega! Quem cede, desenvolve de tal maneira o desejo que acaba precisando de um analista. Ou de remédios. Quem resiste, aumenta a neurose.

Os psicanalistas tentam descobrir o que fazer com o desejo dos seus pacientes. Colocá-los aonde? Eu, que não sou da área, posso me dar o direito de apresentar uma sugestão. Acho que só há uma saída: virar o desejo para dentro. Porque para fora ele não tem aonde ir! O grande desafio é virar o desejo para dentro, gostar de si mesmo, começar a ver o quanto é bom ser livre de todo esse condicionamento globalizante, neoliberal, consumista. Assim, pode-se viver melhor. Aliás, para uma boa saúde mental três requisitos são indispensáveis: amizades, auto-estima, ausência de estresse.

Há uma lógica religiosa no consumismo pós-moderno. Se alguém vai à Europa e visita uma pequena cidade onde há uma catedral, deve procurar saber a história daquela cidade - a catedral é o sinal de que ela tem história. Na Idade Média, as cidades adquiriam status construindo uma catedral; hoje, no Brasil, constrói-se um shopping center. É curioso: a maioria dos shopping centers tem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas; neles não se pode ir de qualquer maneira, é preciso vestir roupa de missa de domingo. E ali dentro sente-se uma sensação paradisíaca: não há mendigos, crianças de rua, sujeira pelas calçadas...

Entra-se naqueles claustros ao som do gregoriano pós-moderno, aquela musiquinha de esperar dentista. Observam-se os vários nichos, todas aquelas capelas com os veneráveis objetos de consumo, acolitados por belas sacerdotisas. Quem pode comprar à vista, sente-se no reino dos céus. Deve-se passar cheque pré-datado, pagar a crédito, entrar no cheque especial, sente-se no purgatório. Mas se não pode comprar, certamente vai se sentir no inferno... Felizmente,

terminam todos na eucaristia pós-moderna, irmanados na mesma mesa, com o mesmo suco e o mesmo hambúrguer do McDonald's.

Costumo advertir os balconistas que me cercam à porta das lojas: 'Estou apenas fazendo um passeio socrático.' Diante de seus olhares espantados explico: 'Sócrates, filósofo grego, também gostava de descansar a cabeça percorrendo o centro comercial de Atenas. Quando vendedores como vocês o assediavam, ele respondia: *'Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz'*.

O 'ethos' (a convivência humana e a responsabilidade social, eis o nosso porto.

A 'paidéia', com este horizonte, é a caminhada educacional - escolar e a social - a nos fazer cidadãos, profissionais e pessoas, em construção permanente.